

 Imprimir  Comentários(1)  Enviar por Email Tamanho da fonte : **A+** / **A-**  RSS

O cenário é embaçado neste início de ano

A agenda está cheia de problemas para o governo e a oposição

Em outubro, mais de 130 milhões de eleitores irão às urnas escolher o presidente da República que governará o país entre 2011 e 2014. Desde a redemocratização, será a primeira eleição da qual Lula não participará. A tendência predominante é de uma disputa polarizada entre PT e PSDB. De ora em diante, todos os movimentos de 2010 terão relação direta com a eleição presidencial.

As votações no Congresso, as negociações em torno das eleições para governador, deputado federal e estadual e dois terços do Senado, tudo vai estar relacionado à sucessão de Lula. A agenda está cheia de problemas para governo e oposição. Nesta semana começa o ano político em Brasília. Do lado governista, a questão central está em compatibilizar o final do governo com as negociações políticas visando as eleições. O ponto crítico é o entendimento entre PT e PMDB.

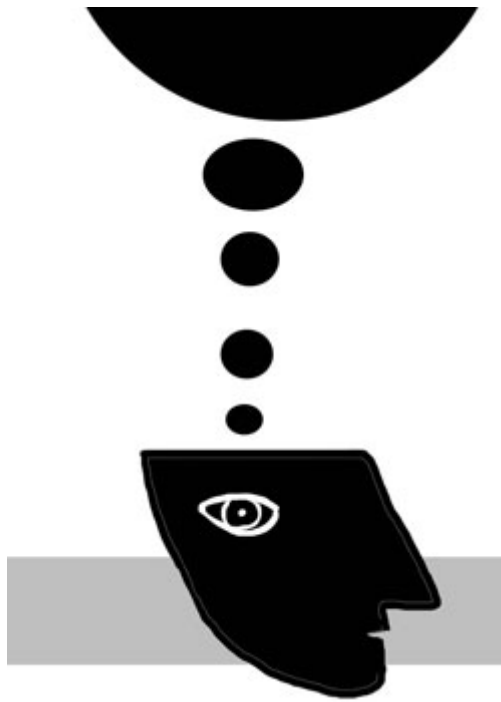
Há quem jure que o presidente da Câmara, Michel Temer, é o único que pode unir a maior parte do partido em torno do apoio a Dilma. Há quem duvide. A seu favor, o fato de ter um bom diálogo com vários setores do partido e ser seu presidente nacional. Contra, o fato de que não trará o PMDB de São Paulo para o universo político de Dilma. E uma desagradável - para o governo - proximidade com o deputado fluminense Eduardo Cunha, que desperta resistência entre muitos governistas.

O PMDB não tem abundância de nomes para indicar. O ministro de Minas e Energia, Edison Lobão, sonha com a vaga, mas não tem cacife para tanto. O grupo político do presidente do Senado, José Sarney, o sustenta na Esplanada, mas é uma alternativa complicada. Hélio Costa é um político temperamental e tem a vantagem de trazer Minas Gerais para o lado da ministra Dilma Rousseff, candidata do presidente Lula. Mas tampouco une o partido. Henrique Meirelles é uma opção que agrada ao mercado e ao presidente. Teria importância similar à que José Alencar teve para Lula em 2002. Temer remanesce favorito para o posto. Porém, terá que aparar muitas arestas para se consolidar como opção.

Do lado da oposição, os problemas não são poucos. O governador de São Paulo, José Serra, enfrenta dificuldades para escolher o vice e, também, para montar palanques fortes para apoiá-lo. Pelo menos nos seguintes Estados importantes existem dificuldades de natureza variada: Rio de Janeiro, Ceará, Pernambuco, Mato Grosso, Paraná, Rio Grande do Sul, Goiás e Distrito Federal. Outra dificuldade para Serra é o relacionamento com o governador de Minas Gerais, Aécio Neves. Há quem acredite que para eleger o vice Antonio Augusto Anastasia seu sucessor, Aécio amplie sua base de apoio e termine diluindo seus esforços em favor de Serra.

Ainda no campo eleitoral, existe o fator Ciro. Sua candidatura presidencial tende a atrapalhar Dilma. Sem saber para onde Ciro vai, os prognósticos sobre o desempenho de Dilma ficam embaçados. No entanto, para agregar dificuldades - como se sabe, políticos adoram dificuldades para poder oferecer facilidades -, surge o novo Programa Nacional de Direitos Humanos, que é uma autêntica "viagem" em pleno final de governo, mesmo que cheio de boas intenções.

Aliás, boas intenções nem sempre atingem seu alvo original. Com mais de 500 propostas embutidas num só decreto, evidentemente nada vai acontecer neste ano além da polêmica que já causou. Parece que o governo quis que o tema fosse queimado na largada para que não prosperasse além da oportunidade de se brincar de fazer políticas públicas.



Publicado em: 13/01/2010

 [Imprimir](#)  [Comentários\(1\)](#)  [Enviar por Email](#) Tamanho da fonte : **A+** / **A-**  [RSS](#)

Outras edições